



Revista Brasileira de História

ISSN: 0102-0188

rbh@edu.usp.br

Associação Nacional de História

Brasil

González Calderón, Fabián; Cerri, Luis Fernando; Rosso, Ademir José
Heróis e cultura histórica entre estudantes no Chile
Revista Brasileira de História, vol. 36, núm. 71, enero-abril, 2016, pp. 179-201
Associação Nacional de História
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26346203009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Heróis e cultura histórica entre estudantes no Chile¹

Heroes and historical culture among students at Chile

Fabián González Calderón*

Luis Fernando Cerri**

Ademir José Rosso***

RESUMO

Este texto divulga e analisa dados do projeto intercultural de pesquisa “Jovens e a História no Mercosul”. Expõe dados sobre a cultura histórica do Chile, especificamente sobre as imagens que personificam a identidade nacional, por meio dos líderes da pátria, com base na visão de estudantes do Ensino Médio. O fundamento teórico do estudo está nos conceitos de cultura histórica, cultura política e representações sociais, especificamente a teoria do núcleo central. Os dados foram coletados por meio de um questionário e tratados pelo programa EVOC 2000. Os resultados apontam, entre outras conclusões provisórias, um núcleo central que envolve O’Higgins, Prat e Carrera. Manuel Rodríguez e Salvador Allende são nomes do núcleo intermediário. O núcleo periférico é marcado por manifestações que modificam o significado de herói, apresentam irreverência ou destacam os nomes de Lautaro e Violeta Parra.

Palavras-chave: História do Chile; heróis; ensino de história.

ABSTRACT

This paper shares and analyzes data from the intercultural survey “Youth and History at Mercosul”. It contributes with data about Chile historical culture, especially about imagery that personifies national identity throughout patriotic notable persons as seen by students of high schools. The theoretical basis remains at the concepts of historical culture, political culture and social representations theory, specially the central nucleus theory. The data were collected using a questionnaire and were treated with the use of EVOC 2000 software. The results point, among other provisory conclusions, a central nucleus enclosing O’Higgins, Prat and Carrera. Manuel Rodríguez is one of the names at an intermediary nucleus, as well as Salvador Allende. The peripheral nucleus is marked by manifestations that changes the meaning of notable person, show irreverence or make appear the names of Lautaro and Violeta Parra.

Keywords: History of Chile; heroes; history teaching.

* Universidad Academia de Humanismo Cristiano. Santiago, Chile. gonzalez.calderon@gmail.com

** Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR, Brasil. lfcronos@yahoo.com.br

*** Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR, Brasil. ajrosso@uepg.br

*Quem construiu Tebas de sete portas?
Nos livros estão os nomes dos reis.
Foram os reis que arrastaram os blocos de pedra?
E as várias vezes destruída Babilónia —
Quem é que tantas vezes a reconstruiu?
Em que casas da Líma fulgente
de ouro moraram os construtores?
Para onde foram os pedreiros na noite em que ficou pronta
a Muralha da China? A grande Roma
está cheia de arcos de triunfo. Quem os levantou?
Sobre quem triunfaram os césares?
Tinha a tão cantada Bizâncio
Só palácios para os seus habitantes?
Mesmo na lendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu bramavam os
afogados pelos seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os Gálios.
Não teria consigo um cozinheiro ao menos?
Filipe da Espanha chorou, quando a armada se afundou.
Não chorou mais ninguém?
Frederico II venceu na Guerra dos Sete Anos —
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhou o banquete da vitória?
Cada dez anos um Grande Homem.
Quem pagou as despesas?
Tantos relatos
Tantas perguntas.*

Bertolt Brecht
(trad. Paulo Quintela)

O conceito ou categoria de cultura histórica tem sido discutido entre historiadores de diferentes vertentes, mas geralmente referindo-se à mesma questão, assim sintetizada por Fernando S. Marcos: “Si la cultura es el modo en que una sociedad interpreta, transmite y transforma la realidad, la cultura histórica es el modo concreto y peculiar en que una sociedad se relaciona con su pasado” (Marcos, 2014). Em termos semelhantes escreve Jacques Le Goff, para quem a cultura histórica é a mentalidade histórica de uma época, passível de

ser investigada recorrendo a fontes como manuais didáticos, literatura e arte, nomes próprios, guias de peregrinos e turistas, cinema e *mass media* em geral (Le Goff, 1996, p.48-49). Para Ângela de Castro Gomes, com base em Bernard Guenée, a cultura histórica permite entender melhor e de maneira mais específica o que se considera passado e que espaço e valor ele recebe da sociedade em cada contexto, de modo que o conceito abarca tanto o conhecimento histórico em sentido mais estrito quanto as outras formas de expressão cultural (Gomes, 1998).

Na perspectiva da teoria da História na Alemanha, a cultura histórica é definida e mais detalhadamente caracterizada em função de outros dois conceitos relevantes, que são os de memória histórica e consciência histórica (Rüsen, 1994; 2007). Nessa formulação, Rüsen atribui à memória histórica o conjunto de rememorações que extrapolam a dimensão do tempo individual, tanto pelo recurso a quadros de interpretação que abrangem as inter-relações temporais entre passado, presente e futuro, quanto pelo aporte, pelo exercício rememorativo, de uma realidade passada que é mais antiga que a pessoa, à qual se acede pelas narrativas alheias. Já a consciência histórica pode ser sinteticamente definida, de acordo com a citação que Rüsen faz de E. Jeismann, como “el entreveramiento entre la interpretación del pasado, la comprensión del presente y la perspectiva del futuro” (Rüsen, 1994, p.7). A consciência histórica denomina, aqui, o procedimento mental antropologicamente constante de atribuir sentido ao tempo e obter orientação temporal, base para qualquer ação humana. Considerando isso, a cultura histórica é, para esse autor, “la articulación práctica y operante de la conciencia histórica en la vida de una sociedad. Como praxis de la conciencia tiene que ver, fundamentalmente, con la subjetividad humana, con una actividad de la conciencia, por la cual la subjetividad humana se realiza en la práctica – se crea, por así decirlo” (Rüsen, 1994, p.4).

A cultura histórica é, portanto, uma categoria que busca abarcar as condições e consequências sociais do conjunto de instituições e práticas que se vinculam ao passado, em particular, e à relação com o tempo, em geral. É razoável considerar que sociedades e seus subgrupos apresentem peculiaridades naquilo que se refere às suas respectivas culturas históricas. A orientação temporal, por sua vez, é produto da cultura histórica, que produz para a práxis humana uma direção/sentido para o tempo, e identidade histórica para o indivíduo.

Pressupomos, neste texto, que os heróis nacionais são parte fundamental da cultura histórica porque se inserem – de modo pacífico ou conflitivo – na

grande narrativa da nação e da nacionalidade em que estabelecemos um significado para o nosso pertencimento sociopolítico. O papel específico dessas imagens construídas com base em biografias selecionadas é o de estabelecer, além de significados para o passado comum, padrões de comportamento (especificamente político e social, mas também moral e privado) para os indivíduos na atualidade, motivo pelo qual participam das produções coletivas de consentimento que viabilizam a vida social, mas também espelham processos de dominação sobre os quais cabe o pensamento crítico, no contexto da revisão do ensino e dos projetos de cidadania e nação.

SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DO CHILE

A sociedade chilena teria desenvolvido precocemente uma predisposição a repensar o passado comum, a dialogar coletivamente sobre ele e valorizá-lo como parte constitutiva de seu presente. Segundo o historiador Alfredo Jocelyn-Holt (2000), “si algo caracteriza a la cultura chilena tradicional, es su profundo respeto por la historia” (p.21). Dessa perspectiva, o desafio de conviver com o passado seria uma responsabilidade da sociedade em seu conjunto, não atribuível exclusivamente aos historiadores, pois requer uma consciência histórica coletiva que atue como interlocutora e dialogue com o trabalho dos especialistas (Jocelyn-Holt, 2000).

Em termos gerais, poderíamos dizer que no Chile se configurou uma visão geral do passado – especialmente do século XIX – construída, fundamentalmente, *de cima*. Em outras palavras, o protagonista excluente desse relato foi o Estado-nação que, sob o manto de uma aparente “força histórica”, esconde a fragilidade de uma narrativa exagerada, arquétipa e desgastada (Jocelyn-Holt, 1998). Essa visão hegemônica do passado chileno foi elaborada sobre a base de uma leitura difusa e generosa do processo de construção do Estado nacional, cuja estabilização virtuosa se explicaria pela precoce conquista da “ordem social” no país. Esse conceito de “ordem” se converteu em símbolo de orgulho e elemento distintivo da história republicana do Chile.

Segundo as interpretações clássicas (Góngora, 1981; Encina, 1997) e algumas revisões recentes (Villalobos, 2005; Gazmuri, 2009) o ensaísta ultra-conservador Alberto Edwards teria sido o autor da visão histórica do Chile com maior repercussão no século XX: “Edwards es el legítimo padre del mito portaliano” (Gazmuri, 2009, p.84). Para outras perspectivas críticas, o historiador Diego Barros Arana foi dos principais artífices da perversa memória política oficial do Chile.² De acordo com esse “paradigma histórico-político”

o ministro Diego Portales (1793-1837) teria sido o criador da ordem republicana e, por isso mesmo, o mais fiel representante dos valores essenciais da “alma nacional” (Eyzaguirre, 1979), convertendo-se assim no fundador de um “Estado en *forma*” que deu ampla estabilidade política ao autoritarismo oligárquico.

Agregue-se a isso que, de acordo com Krebs (2008), uma das marcas mais distintivas da identidade histórica nacional é a forte tradição militar do Chile. Convém recordar que as elites chilenas do século XIX encontraram na guerra um meio para realizar suas aspirações e, nos militares, um grupo de devotos incondicionais, junto aos quais governaram em mais de uma oportunidade.³ Segundo o autor, os grandes objetivos nacionais legitimaram a “guerra patriótica” e lhe deram um tom sacrificial: “la nación chilena aceptó la guerra, pero la sublimó, le confirió un sentido ético y por eso recuerda, con orgullo y gratitud, a aquellos que han luchado con dignidad y que han muerto gloriosamente” (Krebs, 2008, p.105).

Nesses primeiros argumentos já é possível entrever a perspectiva de que a nação chilena não teria sido outra coisa senão a imagem projetada por um Estado forte e uma elite consolidada que, quando consideraram necessário, empregaram todos os recursos disponíveis para massificar suas ideias de cultura e identidade nacionais: bandeiras, hinos, rituais cívico-militares, heróis militares, livros escolares, historiografia, educação cívica, museus, literatura etc. (Jocelyn-Holt, 1998; Subercaseaux, 1999). Sem ir mais adiante, a versão militar da identidade chilena teve, até pouco tempo atrás, presença muito influente no ensino de história nas escolas do país (Larraín, 2001).

Perguntamo-nos: Quais são os resultados na *longa duração* dessa operação meta-histórica protagonizada por um Estado elitista e autoritário? Ou ainda: o que se conseguiu sedimentar na consciência histórica dos chilenos em razão dessa leitura do passado? Se consideramos que grande parte dessa instauração discursiva é operada a partir do sistema nacional de educação (oficial) e, de maneira determinante, por meio do ensino da história (Salazar, 2003), a imagem que se consolidou é mais ou menos esta:

La Historia de Chile es la Ciencia de la Patria; que, por tanto, demuestra cómo algunos puñados de *hombres ejemplares* levantaron un sistema nacional ‘clásico’ (modelo en América Latina), y cómo, después, *masas* de individuos con poca o ninguna conciencia patriótica, han conspirado contra ese sistema, provocando una dramática “crisis moral” y rompiendo, de paso y de un modo apenas recuperable, la unidad de todos los chilenos. (Salazar, 2003, p.150)

Infelizmente, a historiografia chilena tem sido muito relutante em problematizar a construção social da nação (Pinto; Valdivia, 2009). O historiador G. Salazar (2003) assinala que essa imagem da história do Chile resultou de um discurso historiográfico hegemonicó de caráter conservador que se traduziu, finalmente, em uma “desigual distribución de la conciencia histórica entre los chilenos” (p.151). Quer dizer, alguns chilenos foram (e são até o presente) considerados mais históricos que outros, pois só alguns atuaram historicamente ou teriam a possibilidade de fazê-lo. Mais ainda, alguns poucos chilenos (heróis militares e caudilhos civis) reclamaram para si a condição de “pais fundadores”.

Nesse sentido, o período histórico que se estende entre 1810 e 1837 pode ser considerado como um “tempo-mater” da história política do Chile, pois precisamente nele teriam tido lugar as ditas lutas heroicas mais emblemáticas dos assim chamados pais fundadores. Segundo muitos, esse teria sido o único período verdadeiramente épico da história chilena (Salazar, 2005). Assim, as perspectivas historiográficas conservadoras e liberais que explicaram esses mitos fundacionais, para além de suas diferenças, consideram a independência do país como antecedente axiológico referencial de seus discursos; ambas definem o tempo das origens como um tempo histórico primordial e fabuloso, atribuindo-lhe um sentido sagrado e exemplificador. Ambas as correntes concebem essa origem ou suas restaurações como fruto de façanhas de “seres sobrenaturais”, o que confirmaria o fundo mítico que se pretende outorgar a tais acontecimentos. Para Alfredo Jocelyn-Holt as duas correntes historiográficas de maior influência nos estudos históricos compartilham “la configuración de un panteón deílico o por lo menos hagiográfico u heroico, al cual se le adjudica esta génesis ontológica” (Jocelyn-Holt, 2001, p.343). Assim prossegue o autor: “‘Rememorar’ implica, en ambas corrientes, una función ritual social cuyo objetivo primordial es proyectar al chileno fuera de su momento histórico actual ‘revelándole’ su verdadero sentido o significado histórico subyacente que ha de explicarle el momento en que vive o al que es necesario revertir a fin de que no pierda su identidad original” (Jocelyn-Holt, 2001, p.344).

Contudo, contrapõem-se aqui duas visões da história do Chile. Uma visão linear otimista que descreve um curso histórico dialético e escalonado que conduz a uma meta final; e outra visão, cíclica e pessimista, que define o passado chileno como um percurso ziguezagueante, uma história recorrente, um movimento elíptico cujo centro gravitacional é a tradição (Jocelyn-Holt, 2001).

A Nova História Social chilena problematiza o passado do país de uma perspectiva diferente, e coloca a sua ênfase em outros assuntos. Salazar (2005) propõe explicitamente que desde o momento mesmo da “organização da república” em 1829 e ao longo de toda a história republicana sustentou-se a ideia de glorificar certos arquitetos da ordem pátria – velhos e novos – sob o pressuposto de que neles se concentrariam valores essenciais. Esse panteão é vigiado com tal zelo que não admite hóspedes indesejados ou estranhos: “La memoria política oficial no tiene cabida para los líderes y movimientos que caen bajo su sospecha ‘tradicional’” (Salazar, 2005, p.26). Isso permitiu que na sociedade chilena germinasse o que o autor denomina consciência cidadã alienada. Ou, dito mais simplesmente, a consolidação de uma memória oficial enferma, que projeta uma imagem autocomplacente e nostálgica de si mesma, na qual os únicos sujeitos relevantes são as elites: “En los manuales escolares de historia, y en no pocos análisis políticos, sociales y culturales de nuestro espacio nacional, se ha desarrollado un ‘mito de los orígenes’ de nuestros grupos dirigentes para el siglo XIX, e incluso hasta el XX; es decir la primera matriz, la imagen creada del primer grupo social que asumió la tarea de la dirigencia nacional” (Salazar; Pinto, 1999, p.32).

A cultura histórica do Chile teria se constituído como produto da tensão entre “estabilidade” e “legitimidade”, entre o encantamento elitista de um país que vive uma paz duradoura (acrítica) e o (legítimo) desencanto soterrado dos movimentos da sociedade civil. Este último atuaria como uma inércia histórica que, *de baixo*, adere ao sistema, assumindo o rosto obscuro e invisível da memória social, que aparecerá sucessivas vezes como sobrevivente de uma longa história de instabilidades e injustiças.

Para Salazar, a lembrança da estabilidade política chilena e o discurso da história que a tem sustentado (até o golpe de Estado de 1973, inclusive) é uma lembrança fraca, portanto, pois a história do país gozou apenas de breves períodos de estabilidade. Entretanto, essa representação do passado – pela mão de seus líderes civis e militares, de Portales a Pinochet – ficou na memória coletiva como a recordação mais visível do passado dos chilenos, convertendo-se na versão pública e oficial e, até pouco tempo atrás, excludente da história nacional (Salazar; Pinto, 1999).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Heróis nacionais são construções de caráter monumental, ou seja, visam à perpetuação de uma memória. Sua aceitação tramita por questões de poder

e por esferas educativas em sentido amplo. Uma importante síntese do papel do herói como símbolo que se candidata a expressar a coletividade é posta pelo historiador brasileiro José Murilo de Carvalho: “Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua o seu panteão cívico” (Carvalho, 1990, p.55).

O vínculo entre escola e formação da identidade nacional, em que os heróis são decisivos pelo seu caráter exemplar, foi explorado no Brasil por Paulo Miceli, entre outros. Sua crítica é incisiva e típica da época em que o ensaio foi publicado, na qual o desafio era a redemocratização do país e da escola, questionando o uso dado pelos governos militares aos heróis – entre outros símbolos nacionais – para se legitimar (Miceli, 1989, p.35).

No que tange à cultura histórica como face visível das operações mentais de consciência histórica e de orientação pessoal e coletiva no tempo (Rüsén, 1994), o uso que os poderes de turno fazem dos heróis cumpre uma função *exemplar* de produção de sentido histórico, bem como a luta pela desconstrução de imagens e agregação de novos nomes no panteão de heróis nacionais pode ser lida como um esforço *crítico* de geração de sentido. Embora seja possível rastrear esses debates na historiografia e em meios mais amplos, como na imprensa e nas produções culturais no âmbito do entretenimento, são raros os instrumentos para aferir as proporções de sucesso das estratégias dos contendores pela memória, assim como as mudanças e permanências do valor, papel e dimensão dos heróis nas opiniões das pessoas.

Assumimos neste estudo que a cultura histórica é uma categoria compatível com o conceito de representações sociais de Serge Moscovici e outros, e por isso utilizamos a perspectiva metodológica das representações sociais no estudo de um aspecto da cultura histórica. Esse exercício tem a pretensão não só de colaborar no estudo de alternativas metodológicas no estudo da consciência histórica e da cultura histórica, como também de colaborar no aprofundamento teórico desses conceitos. Nessa perspectiva é que procuraremos construir um contraponto e uma possível articulação entre o debate historiográfico sobre os heróis interno ao debate sobre a identidade nacional chilena e o quadro atual das representações sociais sobre heróis nacionais a partir das menções de jovens chilenos.

O projeto “Jovens e a História no Mercosul” foi iniciado em 2010, após estudos preliminares e um projeto piloto realizado de 2007 a 2009. Trata-se

de um levantamento de dados intercultural, baseado no projeto europeu “Youth and History”, desenvolvido em meados dos anos 1990 pela Conferência Permanente de Associações de Professores de História da Europa (Euroclio) e outros parceiros e instituições, por meio de um questionário extenso aplicado a jovens (e outro a seus professores), no qual a maior parte das questões é de respostas fechadas, com base na escala de Likert. O questionário aborda os temas da aprendizagem histórica escolar, elementos de cultura política e de cultura histórica dos alunos e professores, assim como situações simuladas de decisão que envolvem questões da atualidade sobre as quais os alunos e professores devem posicionar-se, nos quais são mobilizados seus saberes, identidades e expectativas no tempo. No caso do presente projeto, foram contabilizados 3.913 questionários de estudantes do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai, sendo 182 questionários de estudantes chilenos. Trata-se de uma amostra não probabilística, ou seja, embora seja provável que seus resultados não se limitem aos estudantes pesquisados, não é possível falar em representatividade estatística perante o universo de jovens estudantes nessa idade, nem em margens de confiança ou erro.

Este artigo utiliza os dados da questão 33 do instrumento destinado aos estudantes, que consistiu basicamente na solicitação para que escrevessem o nome de três heróis de seu país por ordem de importância. Trata-se da única questão cuja resposta era aberta, ou seja, respondida livremente com a escrita do estudante, sem opções predeterminadas. A amostra chilena foi coletada em escolas da capital, Santiago de Chile, e assim distribuída:

Tabela 1 – Distribuição da amostra chilena por tipo de escola⁴

	Frequência	Porcentagem
Pública de excelência	41	22,5
Pública de periferia	55	30,2
Pública rural	28	15,4
Privada laica empresarial	33	18,1
Privada confessional	25	13,7
Total	182	100,0

Fonte: dados do projeto “Jovens e a história no Mercosul”
compilados pelos autores.

As respostas anotadas pelos alunos em papel foram transcritas para planilhas eletrônicas por meio do programa Abbyy Flexi Capture 9.0 (que

reconhece as marcas e a escrita feitas pelos alunos) e revisadas manualmente. Nesse primeiro momento respeitou-se a grafia original do aluno, as respostas ilegíveis foram eliminadas e seus espaços deixados em branco. Numa segunda revisão, os nomes que se repetiam foram uniformizados na grafia e na formatação e assim passaram a compor o banco de dados, junto a todas as outras respostas objetivas (por marcação de alternativas). O tratamento necessário para a análise do presente texto exigiu uma terceira revisão, que adaptou os nomes para possibilitar a leitura pelo programa EVOC,⁵ assim como agregou algumas evocações de frequência muito reduzida em categorias.

Inicialmente, as células vazias foram preenchidas com a informação “não-respondio”. A categoria “irreverencia” foi anotada em todas as células nas quais identificamos personagens ou coletividades fictícios ou reais, mas com papel folclórico ou radicalmente oposto à ideia de um sujeito com importância efetiva na vida pessoal ou na vida coletiva do país.⁶

Outra atitude identificada nas respostas e reduzida a uma nova categoria foi a mudança de significado do conceito de herói, evocando pessoas ou instituições reais que substituem o papel dos grandes heróis cívicos, o que pode indicar tanto o descrédito nos protagonistas das grandes narrativas nacionais quanto a valorização da vida cotidiana ou dos personagens importantes para o círculo individual dos relacionamentos do aluno. Essa atitude pode significar uma releitura do conceito de herói, mais favorável à ideia de que os heróis são os que fazem a história cotidiana e o funcionamento da sociedade, como no poema de Brecht na epígrafe deste artigo, ou ainda o deslocamento para a ideia de que os personagens principais subjacentes à História são as divindades cristãs. Também é necessário ter em conta que pode significar uma atitude do tipo da categoria anterior, de irreverência e rejeição da ideia de herói cívico. A essa categoria denominamos “cambio de significado” e anotamos “CAMBIOSIG” nas células correspondentes.⁷

ANÁLISE DOS DADOS

Do conjunto de 182 informantes, 153 responderam à questão e totalizam 29 nomes evocados e processados. Com o conjunto de todos os heróis evocados livremente pelos estudantes montou-se uma planilha única para análise no *software* EVOC, após o tratamento das informações já descrito. Foram considerados, no tratamento das informações, os nomes mencionados e a ordem de evocação. É relevante se determinado herói é citado em primeiro, segundo ou terceiro lugar, e essa informação é agregada à frequência

**Tabela 2 – Quantificação das respostas da amostra chilena
ao item 33 do questionário: “Escribe debajo el nombre
de 3 héroes de tu país en orden de importancia”**

Héroe 1			Héroe 2			Héroe 3		
B. O'Higgins	34	18,7	No respondió	36	19,8	No respondió	52	28,6
No respondió	33	18,1	B. O'Higgins	33	18,1	B. O'Higgins	24	13,2
José M. Carrera	26	14,3	Arturo Prat	27	14,8	Arturo Prat	20	11,0
Arturo Prat	25	13,7	José M. Carrera	18	9,9	Manuel Rodríguez	19	10,4
Manuel Rodríguez	20	11,0	Manuel Rodríguez	15	8,2	José M. Carrera	11	6,0
Allende	9	4,9	Irreverencia	7	3,8	Allende	6	3,3
Pedro de Valdivia	8	4,4	Allende	5	2,7	Irreverencia	8	4,4
Irreverencia	7	3,8	Colon	4	2,2	Víctor Jara	5	2,7
Colon	5	2,7	Gladys Marín	4	2,2	Cambio significado	5	2,7
Diego de Almagro	3	1,6	Lautaro	4	2,2	Lautaro	4	2,2
Cambio significado	3	1,6	Javiera Carrera	3	1,6	Violeta Parra	4	2,2
Bob Marley	1	0,5	Pedro de Valdivia	3	1,6	Caupolicán	3	1,6
Gladys Marín	1	0,5	Cambio significado	3	1,6	Diego de Almagro	3	1,6
Hermanos Carrera	1	0,5	Diego Portales	2	1,1	Diego Portales	2	1,1
Lautaro	1	0,5	Inés de Suarez	2	1,1	Martin Rivas	2	1,1
Martin Rivas	1	0,5	Violeta Parra	2	1,1	Padre Hurtado	3	1,6
Mateo de Toro y Sambrano	1	0,5	Caupolicán	1	0,5	Pedro de Valdivia	2	1,1
Pinochet	1	0,5	Diego de Almagro	1	0,5	Bob Marley	1	0,5
Rechazo	1	0,5	Eduardo Frei	1	0,5	Colón	1	0,5
Violeta Parra	1	0,5	Familia Carrera	1	0,5	Gabriela Mistral	1	0,5
			Gabriela Mistral	1	0,5	Ignacio Carrera Pinto	1	0,5
			Huaiquipam	1	0,5	Jorge de Valdivia	1	0,5
			Ignacio Carrera Pinto	1	0,5	Manuel Gutiérrez	1	0,5
			Negro Pinera	1	0,5	Pinochet	1	0,5
			Pablo Neruda	1	0,5	Rechazo	1	0,5
			Rechazo	1	0,5	Rosa Espinosa	1	0,5
			Ricardo Lagos	1	0,5			
			San Martin	1	0,5			
			Sebastián Piñera	1	0,5			
			Víctor Jara	1	0,5			
Total	182	100	Total	182	100	Total	182	100

Fonte: dados do projeto “Jovens e a história no Mercosul” compilados pelos autores.

com a qual o nome é citado, independentemente da ordem. Assim, o EVOC trabalha com estas duas variáveis: frequência e ordem mediana de evocação (OME). A frequência é um número absoluto, que indica o quanto a evocação é partilhada, está presente no grupo pesquisado. A ordem média de evocação é uma média que expressa a prontidão da lembrança do item: quanto menor (mais próxima de 1), mais imediata e significativa foi a aparição do item na evocação dos alunos.

A análise foi efetuada tomando a frequência mínima de 7 evocações. Isso significa que nomes que apareceram menos de 7 vezes foram desconsiderados nesta etapa. A frequência média, outro critério usado para dividir os quadrantes da Tabela 3, foi de 36 evocações, resultado da divisão da quantidade de menções geral pela quantidade de nomes diferentes evocados. Em outras palavras: alguns nomes foram mencionados centenas de vezes, e outros apenas uma vez, mas a média de menções por nome é 36.

A Tabela 3 mostra a estrutura representacional dos heróis relacionados pelos estudantes após receberem tratamento pela análise do Programa EVOC. Os quadrantes 1 e 2 da ilustração mostram os heróis citados mais de 36 vezes pelos estudantes. No quadrante 1 estão as evocações com ordem média de evocação inferior a 1,9 e no quadrante 2 as evocações que ficaram com ordem média de evocações superior a 1,9. Essas informações significam que os heróis que constam do quadrante 1 são mais frequentemente e mais prontamente lembrados dos que os do quadrante 2, e assim sucessivamente. Nos quadrantes 3 e 4 estão os heróis citados mais de 7 vezes (o mínimo definido por nós) e menos de 36 vezes (que é a frequência média de menções por nome). No quadrante 3 estão os heróis poucas vezes citados, mas que têm prioridade em relação aos citados no quadrante 4, ou seja, foram citados antes, em média. As informações com OME inferior a 1,9 são aquelas que estão no começo da listagem de heróis nacionais apresentados, ou seja, são as mais prontamente lembradas e, portanto, as mais significativas para os estudantes.

Recorrendo à teoria do núcleo central das representações sociais de Jean Claude Abric (conforme Sá, 1996), temos que as representações sociais se hierarquizam em torno de um núcleo central cuja característica é a estabilidade e o poder de fazer que outras imagens intermediárias e periféricas gravitem em torno de si. Estas, por sua vez, são progressivamente menos estáveis na medida em que nos aproximamos da periferia do sistema, no qual se encontram as ideias, imagens e outras representações que apontam perspectivas de futuras mudanças no sistema. Desta forma, a teoria do núcleo central adiciona o componente

Tabela 3 – Análise de evocações referente aos principais heróis do Chile mencionados pelos estudantes

1. Elementos centrais $F \geq 36 / OME \leq 1,9$			2. Elementos intermediários $F \geq 36 / OME \geq 1,9$		
Nome	F	OME	Nome	F	OME
Bernardo O’Higgins	91	1,87	Manuel Rodríguez	54	1,96
Arturo Prat	72	1,87			
José Miguel Carrera	55	1,70			
3. Elementos intermediários $F < 36 / OME < 1,9$			4. Elementos periféricos $F < 36 / OME > 1,9$		
Nome	F	OME	Nome	F	OME
Salvador Allende	20	1,85	Cambio significado	13	2,15
Pedro de Valdivia	13	1,53	Diego de Almagro	7	2,00
Cristóbal Colón	10	1,60 Sa	Irreverencia	22	2,14
			Lautaro	9	2,33
			Violeta Parra	7	2,42

Fonte: dados do projeto “Jovens e a História no Mercosul” tratados pelos autores no software EVOC 2000.

dinâmico das representações sociais, estabelecendo uma hipótese que contempla o movimento e a historicidade das formas sociais de representação.

Aplicada à Tabela 3, a teoria do núcleo central indica que as figuras de O’Higgins, Arturo Prat e José Miguel Carrera compõem o núcleo mais estável da representação sobre a identidade histórica chilena, tal como vista pelos estudantes. Manuel Rodríguez encontra-se numa esfera intermediária, mas percebe-se que o quadrante que inclui Allende, Colombo e Pedro de Valdivia inclui personagens que se encontram em movimento: ou estão afastando-se do núcleo central, ou aproximando-se dele. Por fim, o quadrante 4 expressa a periferia da representação sobre os heróis da história do Chile. Nele encontramos expressões de recusa do sistema tradicional de representação desses personagens (em “câmbio de significado” e “irreverência”), assim como personagens não ligados à história oficial, mas a “sub”versões dela. Entre as “sub”versões de heróis nacionais aparecem o líder indígena do século XVI, Lautaro, e Violeta Parra, cantora e compositora do século XX.

Os nomes que aparecem no núcleo central (Bernardo O'Higgins, José Miguel Carrera e Arturo Prat) são de protagonistas habituais do relato escolar e das maiores “epopeias” da história nacional do século XIX, a guerra de independência e a Guerra do Pacífico. Especialmente, o período fundacional da história do Chile (1810-1837) predomina no momento de definir quem são as figuras dignas de consideração como heróis.

Segundo os dados coletados, o homem exemplar da longa história do Chile é Bernardo O'Higgins. A narrativa histórica oficial insistiu em construir um olhar particular sobre esse personagem: foi consagrado como general vitorioso que deu a independência à pátria para em seguida ser investido como o primeiro Diretor Supremo da República. Por trás dessa imagem se ocultam suas práticas ditatoriais, vinculações com sociedades secretas, suas derrotas militares ou a suposta responsabilidade que teve nos primeiros assassinatos políticos cometidos no Chile (Salazar, 2005).

Por sua vez, José Miguel Carrera foi considerado “el único auténtico caudillo de la revolución criolla” (Collier et al., 2003, p.21). Segundo Collier (1977): “apuesto, simpático y jóven ... un héroe romántico de primera magnitud” (p.116). É considerado a figura mais exaltada do processo de independência, cujo personalismo carismático não impediu ter sido caracterizado fundamentalmente pela improvisação e por carecer de um substrato ideológico definido.

Arturo Prat expressa outro momento da história nacional e com ele afloram outras necessidades de orientação histórica. A Guerra do Pacífico, em 1879, converteu-se rapidamente em um marco da construção de uma identidade nacional e popular, um marco também na ampliação da base dessa identidade (Subercaseaux, 1999).⁸ Prat é o personagem chave desse processo. Sob a imagem heroica do Capitão Prat encontra-se a busca de uma forte figura paterna ou, mais propriamente, quer-se simbolizar nele uma constelação de valores. Seu crescimento como personagem está estreitamente associado aos períodos de crise que afetaram o Chile desde fins do século XIX e início do século XX. Especificamente, a falta de confiança nos dirigentes políticos teria provocado uma extraordinária ansiedade na sociedade chilena, que fez sentir-se falta de um herói com as características pessoais de Prat (Sater, 2009).

Manuel Rodríguez integra, junto a O'Higgins e Carrera, a *lenda* que simboliza a luta independentista do Chile, mas seu nome não figura nesse núcleo central. Rodríguez, conhecido popularmente como “o guerrilheiro”, é um herói que embora não disponha dos dispositivos de publicidade oficial com que contam os outros mencionados (como a toponímia, os monumentos públicos, textos, livros didáticos etc. – cf. Salgado, 2010; Toro, 2010), aparece permanentemente como um nome de alta valorização na cultura histórica chilena.

Sobre ele, a historiografia oficial projetou uma aura de romantismo, despoliticizando sua participação histórica e catalogando-o como *aventureiro*, caudilho ou exaltado. Ao mesmo tempo, o imaginário popular teceu um mito ao seu redor, convertendo-o em símbolo da astúcia popular, amigo do “povo simples”, valente defensor da liberdade e espectro inalcançável para seus perseguidores.

Um caso bastante diferente é o dos nomes que figuram no quadrante 3: Pedro de Valdivia, Cristóvão Colombo e Salvador Allende. Os primeiros não eram chilenos e ambos, conquistador e navegante, estão relacionados com a história da ocupação hispânica do território do Chile, no caso particular de Valdivia. Em nossa opinião a aparição desses nomes na lista se deve a duas razões: em primeiro lugar, o efeito instrutivo dos currículos que reconhecem esses personagens como ícones de uma sequência cronológica tradicional, na qual a história do “descobrimento” e a conquista se constituem no elo que explica a desconexão entre a história do Chile e a história dos povos originários que ocupavam o território até o século XVI. Em segundo lugar, a tradição hispanista que permanece como identidade histórica nacional a partir da qual se insiste em conectar o desenvolvimento do Chile como um legado europeizante (Eyzaguirre, 1948; Larraín, 2001).

Salvador Allende, ao contrário, representa outra perspectiva. Nesse caso, constatamos a presença de um sujeito claramente incômodo para a história oficial (Grez, 2008), pois encarna ideais de ruptura da “ordem em si” promovida pelos grandes arquitetos da pátria. Salvador Allende, de algum modo, apareceria como uma referência para novas lutas e projetos sociais. Entretanto, a figura do “compañero presidente” está envolvida em sua própria visão romântica (e exemplar) da história, sua imagem não tem estado isenta do processo de iconização sofrida por outros líderes da esquerda latino-americana (Joignant, 2007). No período de transição para a democracia, a figura de Allende foi operada politicamente, tratando de eclipsar o projeto político que o sustentou no começo dos anos 1970; ou, de algum modo, tentando situar Allende em uma espécie de continuidade histórica, reconhecendo suas convicções democráticas (Hite, 2003).

Rigorosamente, os resultados comentados não são de se estranhar. Não há novidade na confirmação do panteão oficial. O que se revela de maior interesse é que junto à aparição de Allende se evoquem também outros emblemas da cultura popular como Violeta Parra e o Toqui Lautaro. Em outras palavras, ainda que os dados nos permitam constatar que no mundo escolar o panteão de heróis oficiais segue dominando, também é evidente que outras narrativas

reconhecem figuras destacadas em um eixo temporal completamente distinto do “tempo-*mater*”. De certo modo, esses elementos periféricos equilibram a presença hegemônica do panteão oficial, ainda que fossem de se esperar linhas de conexão mais direta entre esses nomes evocados e alguns nomes que compõem o núcleo central da representação.

Os dados também foram analisados conforme algumas das variáveis da amostra: tipo de escola (pública ou privada), sexo e participação política (ou seja, nenhuma participação ou alguma participação em esferas de organização coletiva ou propriamente partidária). Os dados constantes na Tabela 4 permitem considerar o quanto variam as representações sobre os heróis da história nacional do Chile conforme a subdivisão da amostra em variáveis relevantes. Uma análise preliminar nos permite verificar algumas peculiaridades de cada subgrupo formado. Um exemplo relevante: Victor Jara é personagem que figura apenas entre estudantes do sexo feminino que declararam ter alguma participação política, sendo completamente ignorado no grupo que informou ter participação política nula. Em oposição, o nome de Pinochet aparece apenas entre estudantes do sexo masculino que declararam não ter nenhuma participação política.

Na Tabela 4 figura a quantidade de evocações por nome conforme os subgrupos estabelecidos. Para avaliar se há influência da variável na evocação de cada nome, usamos o cálculo do qui quadrado.⁹ Conforme os dados apresentados, podemos concluir que há influência das variáveis nos nomes em que a frequência e o valor do qui quadrado estão destacados em cinza. A título de exemplo, O’Higgins e Arturo Prat são mais mencionados por estudantes sem participação política, ao passo que Carrera, Rodríguez e Allende são mais mencionados por estudantes que afirmam ter participação política. A irreverência nas respostas é um fenômeno concentrado em estudantes do sexo masculino que estão em escolas particulares, e assim por diante.

É preciso relembrar a polêmica que se seguiu ao triunfo midiático de Allende como “o chileno do século XX”. A vitória de Allende no concurso “Grandes chilenos” e a ausência de figuras reconhecidas pela história oficial como pais fundadores “demuestran el desfase existente de la historia oficial (omnipresente en los manuales escolares y en la historiografía tradicional) por un lado, y la memoria popular por otro” (Grez, 2008).¹⁰ Entretanto, os dados coletados não permitem afirmar que essas conexões periféricas não oficiais, emanadas do que poderíamos denominar “cultura popular” chilena, podem ser ligadas como se fossem uma narrativa única.

Cada um desses nomes evocados, separadamente, se mantém na recordação coletiva porque expressa fragmentos de uma narrativa que gostaria de tensionar os componentes centrais da representação do heroico no Chile, mas

Tabela 4 – Análise de evocações dos principais heróis do Chile
pelos estudantes segundo diferentes variáveis

Variáveis	Tipo de escola		Sexo*		Particip. Política**					
	Geral	Públ.	Part.	X ²	Masc.	Fem.	X ²	Não	Sim	X ²
N = 152	106	46		57	92			55	96	
BERNARDO_OHIGGINS	91	63	28	0,03	38	53	1,22	41	50	7,37
ARTURO_PRAT	72	47	25	1,29	35	37	10,18	33	39	5,26
JOSE_MIGUEL_CARRERA	55	43	12	5,99	22	33	0,11	16	39	4,47
MANUEL_RODRIGUEZ	54	49	5	15,99	11	43	11,47	13	41	5,54
ALLENDE	20	10	10	2,40	10	10	1,35	3	17	4,57
IRREVERENCIA	14	4	10	9,21	12	2	14,73	8	6	2,86
CAMBOSIG	13	6	7	2,32	8	5	3,27	6	7	0,58
PEDRO_DE_VALDIVIA	13	9	4	0,002	3	10	1,39	4	9	0,20
COLON	10	9	1	2,08	2	8	1,51	6	4	2,57
LAUTARO	9	4	5	2,9	4	5	0,156	2	7	0,83
SALFATE	8	7	1	1,26	3	5	0,002	3	4	0,11
DIEGO_DE_ALMAGRO	7	5	2	0,01	3	4	0,07	3	4	0,11
VIOLETA_PARRA	7	7	0	3,18	0	7	4,55	3	4	0,11

* 3 participantes não informaram sexo. ** Um participante não informou participação.

Fonte: dados do projeto “Jovens e a História no Mercosul” tratados pelos autores.

não o consegue. De fato, Allende, o nome que intermedeia as representações mais estáveis e as mais periféricas, tende a ser absorvido das margens para o centro. Talvez no futuro possa converter-se em uma representação heroica não muito diferente daquela que encarnou, em outro tempo, Arturo Prat. A construção social dessas referências constitui um tema de extraordinário interesse, cujos vínculos com o ensino de história deveriam ser estudados mais detidamente.

Se O'Higgins expressa e representa a origem mítica da nação chilena, deveríamos associar Colombo, Almagro e Valdivia à origem mítica do território chileno. Ou seja, o descobrimento do território do Chile protagonizado por Diego de Almagro e a fundação de Santiago (e posterior conquista do território) por Pedro de Valdivia durante o século XVI se uniriam, em certas representações, com o “descobrimento” dos direitos e liberdades políticas e com a “fundação” dos primeiros governos nacionais no início do século XIX. Haveria uma espécie de continuidade civilizatória entre a apropriação do território, a fundação de cidades e a conquista da independência.

O que se mostra mais inusitado é a presença de Violeta Parra na periferia das representações do heroico. Por certo, sobram méritos que demonstram sua importância sem parâmetro na identidade cultural do Chile, do mesmo modo que Victor Jara, este porém com menor frequência na evocação de estudantes em nossa amostra. Porém, não é comum que uma mulher figure nessas simbolizações que costumam apresentar hegemonia de figuras masculinas, guerreiras, em geral “homens de Estado”. De algum modo, Violeta Parra constitui um ícone social de múltiplas significações (como Allende ou Neruda) pelo processo histórico do qual é produto. A abertura cultural, política e social que sacudiu o Chile entre as décadas de 1950 e 1970 e que culminou no governo na Unidade Popular constitui um tempo histórico que a historiadora María Angélica Illanes denominou “el tiempo de la energía social como *liberación*” (Illanes, 2002, p.140), um tempo carregado de capital histórico acumulado, de intelectualidade crítica e de festa (Jocelyn-Holt, 2001). A esse tempo corresponde a extraordinária obra criativa de Violeta Parra, e cremos que sua evocação como heroína está, de algum modo, relacionada com a revalorização desse período e de tais processos entre as novas gerações. Ícones socioculturais como Violeta Parra representam os desejos de refundação do país em torno da década de 1960, expressam a reivindicação da “justiça social”. Em suma, mostram a tensão interna que sofre uma narrativa heroica largamente dominante frente a sujeitos históricos e movimentos que nunca viram seu rosto refletido no espelho dos heróis nacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou patente que, no que se refere a heróis nacionais, e de acordo com a amostra considerada, a cultura histórica chilena tem um núcleo central bastante compacto e homogêneo, em torno dos “pais fundadores” vinculados ao processo de independência, sobretudo, com espaço para a representação de diferentes vertentes políticas. Notou-se ainda que as representações periféricas estão permitindo a abertura de espaço para personagens vinculados a posições políticas articuladas com a distribuição de riqueza e aprofundamento da democracia, até mesmo em seu aspecto social. Estamos tratando de personagens como Salvador Allende e Violeta Parra.

Postulamos e procuramos demonstrar neste texto que os elementos da cultura histórica podem ser analisados utilizando-se a teoria do núcleo central de Jean Claude Abric. Ela ajuda a compreender melhor a própria dinâmica dos elementos da cultura histórica, detalhando como compõem seu núcleo mais estável (em termos de influência na consciência histórica, bem como de duração) e como esse núcleo pode vir a modificar-se de acordo com o que se passa nos núcleos intermediários e periféricos. Isso é fundamental quando se trata da função reflexiva e normativa da didática da história, na qual armamos projetos de futuro do ensino da disciplina, baseados nos trabalhos que desenvolvemos na esfera empírica.

Devem-se reconhecer as limitações do presente estudo: sua amostra, apesar de representativa, não tem caráter probabilístico, ou seja, não pretende fazer afirmações sobre todo o universo “juventude escolar chilena” no momento em que os dados foram coletados ou estabelecer margens de erro. Mesmo assim, deve-se reconhecer que este tipo de estudo traz contribuições para uma frente ainda praticamente virgem no campo da história, que é a reflexão a partir dos efeitos da cultura histórica e do processo educativo na memória e nas bases do pensamento histórico das novas gerações. Um estudo probabilístico, apesar do alto custo, seria uma possibilidade importante para seguir em frente nessa perspectiva. Do mesmo modo, a produção de resultados para outras faixas etárias abrirá novos potenciais de análise e de compreensão do objeto.

Cabe ainda o desenvolvimento de outros ensaios utilizando o material empírico coletado, os quais permitam uma comparação intercultural entre os países da América do Sul quanto a esses e outros elementos de sua cultura histórica. Este tipo de estudo tem o potencial de encorajar a produção de projetos e materiais educativos que permitam superar as limitações nacionais e

nacionalistas no ensino da história, bem como contribuir para o avanço do estudo acadêmico das similaridades e distanciamentos no que tange aos usos da história nos diversos países.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COLLIER, Simon. *Ideas y política de la Independencia chilena: 1808-1833*. Santiago: Andrés Bello, 1977.
- COLLIER, Simon et al. *Patriotas y ciudadanos*. Santiago: Centro de Estudios para el Desarrollo, 2003.
- ENCINA, Francisco A. *La literatura histórica chilena y el concepto actual de historia*. Santiago: Universitaria, 1997.
- EYZAGUIRRE, Jaime. *Fisonomía histórica de Chile*. México: Fondo de Cultura Económica, 1948.
- _____. *Hispanoamérica del dolor*. Madrid: Eds. de Cultura Hispánica, 1979.
- GAZMURI, Cristián. Influencias sobre la historiografía chilena: 1842-1970. In: MUSSY, Luis G. de (Ed.) *Balance historiográfico Chileno: el orden del discurso y el giro crítico actual*. Santiago: Universidad Finis Terrae, 2009. p.75-94.
- GATICA, Enrique; GONZALEZ, Fabián; NAVARRO, Danixa. La narrativa histórica oficial y el fantasma del héroe nacional en el aprendizaje histórico. *Paulo Freire Revista de Pedagogía Crítica*, Santiago, Año 13, n.14, 2014.
- GOMES, Ângela de Castro. A cultura histórica do Estado Novo. *Projeto História*, São Paulo, v.16, p.121-141, 1998.
- GÓNGORA, Mario. *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*. Santiago: La Ciudad, 1981.
- GREZ, Sergio. Grandes chilenos de nuestra historia. Rápidas reflexiones a propósito de un programa de televisión, la historia y la memoria. 2008. Disponível em: <http://adhilac.com.ar/?p=2539>; Acesso em: 8 out. 2013.
- HITE, Katherine. El monumento a Salvador Allende en el debate. In: JELIN, E. Jelin; LANGLAND, V. (Comp.) *Monumentos, memoriales y marcas territoriales*. Madrid: Siglo XXI, 2003.
- ILLANES, María Angélica. *La batalla de la memoria*. Santiago: Planeta, 2002.
- JOCELYN-HOLT, Alfredo. *El peso de la noche: nuestra frágil fortaleza histórica*. Santiago: Planeta; Ariel, 1998.
- _____. *Espejo retrovisor: ensayos histórico-políticos 1992-2000*. Santiago: Planeta; Ariel, 2000.

- JOCELYN-HOLT, Alfredo. *La Independencia de Chile*: tradición, modernización y mito. Santiago: Planeta, 2001.
- JOIGNANT, Alfredo. *Un día distinto*. Memorias festivas y batallas conmemorativas en torno al 11 de septiembre en Chile, 1974-2006. Santiago: Universitaria, 2007.
- KREBS, Ricardo. *Identidad chilena*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2008.
- LARRAIN, Jorge. *Identidad chilena*. Santiago: Lom, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- MARCOS, Fernando S. Cultura Histórica. 2014. Disponível em: www.culturahistorica.es/cultura_historica.html; Acesso em: 16 fev. 2016.
- MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto, 1989.
- PINTO, Julio; VALDIVIA, Verónica. *¿Chilenos todos?* La construcción social de la nación (1810-1840). Santiago: Lom, 2009.
- RÜSEN, Jörn. *História viva*. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de R. Martins. Brasília: Ed. UnB, 2007.
- _____. *¿Qué es la cultura histórica?: reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. In: FÜSSMANN, Klaus; GRÜTTER, Heinrich T.; RÜSEN, Jörn (Ed.) *Historische Faszination: Geschichtskultur heute*. Weimar: Böhlau, 1994. p.3-26 (trad. esp. por F. Sánchez Costa e Ib Schumacher).
- SÁ, Celso P. de. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SALAZAR, Gabriel. *Construcción de Estado en Chile (1800-1837)*. Democracia de los “pueblos”. Militarismo ciudadano. Golpismo oligárquico. Santiago: Sudamericana, 2005.
- _____. *La historia desde abajo y desde dentro*. Santiago: Facultad de Artes, Universidad de Chile, 2003.
- _____. La imagen de un Héroe. 2007. Disponível em: www.educarchile.cl/ech/pro/app/detalle?ID=133740; Acesso em: 16 fev. 2016.
- SALAZAR, Gabriel; PINTO, Julio. *Historia contemporánea de Chile*. v.1, Estado, legitimidad, ciudadanía. Santiago: Lom, 1999.
- SALGADO, Alfonso. Memoria, heroicidad y nación: monumentos, topónimos, estampillas, monedas y billetes en Chile, 1880-1930. *Bicentenario*: Revista de Historia de Chile y América, Santiago, v.9, n.2, p.29-58, 2010.
- SATER, William F. *La imagen heroica de Chile*: Arturo Prat, santo secular. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2009.
- SUBERCASEAUX, Bernardo. Caminos interferidos: de lo político a lo cultural. Reflexiones sobre la identidad nacional. *Estudios Públicos*, Santiago, n.73, p.149-164, 1999.
- TORO, Pablo. “Como se quiere a la madre o a la bandera”: notas sobre nacionalismo, ciudadanía y civildad en la educación chilena. In: CID, Gabriel; SAN FRANCISCO, Alejandro (Ed.) *Nacionalismos e Identidad Nacional en Chile - siglo XX*. Santiago: Centro de Estudios Bicentenario, 2010.

VILLALOBOS, S. *Portales*: una falsificación histórica. Santiago: Universitaria, 2005.
VILLEGAS, Milena G.; VICENCIO, Pamela S. Educación e imaginarios simbólicos en la postdictadura chilena. Fundamentos para una propuesta de taller. *Paulo Freire – Revista de Pedagogía Crítica*, Santiago, v.11, n.11, p.53-68, 2012.

NOTAS

¹ A presente pesquisa contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil) e da Fundação Araucária de Apoio à Pesquisa (Estado do Paraná, Brasil).

² “Demoliendo héroes. La formación del Estado chileno. Entrevista a Gabriel Salazar”, *El Mercurio*, domingo, 12 mar. 2006, p.E-10 e E-11. Segundo Salazar, desde a conformação do Estado Portaliano e da “orden” resultante “lo que se ha hecho es tratar de reproducirlo o mantenerlo. De manera que se han considerado más importantes a quienes vigilan el orden que aquellos que se esforzaron o esfuerzan por cambiarlo” (p.E-10).

³ Veja-se Oscar Izurieta Ferrer, “Héroes y líderes”, *La Tercera*, quinta-feira, 10 jul. 2008. Izurieta era nessa data Comandante em Chefe do Exército do Chile e se referia assim ao papel das Forças Armadas na história do país: “La prolongada y beneficiosa paz que disfruta Chile proviene, en gran parte, del sacrificio de miles de chilenos que sirvieron y sirven en sus FF.AA. No veo diferencia entre aquellos del siglo XIX y los del presente” (p.4).

⁴ No Chile a administração de escolas pode ter três modalidades: 1) escolas municipais (gratuitas, laicas e geralmente não seletivas); 2) escolas particulares subvencionadas (com financiamento do Estado combinado com pagamentos por parte dos pais); e 3) escolas particulares (pagas, sem financiamento estatal). Para o caso deste estudo, uma escola pública de excelência corresponde àqueles liceus municipais que atingem 600 ou mais pontos em média na *Prueba de Selección Universitaria* (PSU) e cuja média de notas é igual ou superior a 5,5; escola pública de periferia corresponde a um colégio ou liceu localizado distante do centro da cidade e que atende fundamentalmente à população vulnerável; escola pública rural corresponde a um liceu ou colégio municipal ou particular subvencionado com financiamento estatal localizado fora da província de Santiago e cujos estudantes vivem em espaço semirrural; escola privada laica empresarial corresponde a um colégio ou liceu particular pago ou particular subvencionado cujo mantenedor esteja ligado a algum setor empresarial específico; escola privada confessional corresponde a um colégio particular pago cujo projeto educativo está vinculado a alguma confissão religiosa (comumente católica).

⁵ Ensemble de Programmes Permettant l’Analyse des Évocations, criado pelo pesquisador francês Pierre Vergès nos anos 1980, com base no conceito de núcleo central, vinculado à teoria das representações sociais. A adaptação para isso no EVOC eliminou todos os sinais de acentuação gráfica e substituiu os espaços entre palavras por sublinhados.

⁶ Foram incluídas nessa categoria as seguintes evocações: Saltate, La señora de los gatos, El tío Del quiosco, El Palomo, Goku, Vegeta, La gran zanahoria, Guaripolo, Condorito, Che Copete, Los tortugas ninja. Bob Marley não foi incluído nessa categoria, sua menção tanto

pode significar uma atitude irreverente, ao simples consumo de maconha, quanto uma ressignificação do conceito de herói, em virtude dos aspectos políticos, religiosos e ideológicos decorrentes da cultura e do estilo de vida ligados ao rastafarianismo.

⁷ Foram incluídas nessa categoria as seguintes evocações: La cocinera, (Mi) Mamá, Professores, Dios, Jesus Cristo, El Pueblo. Todas parecem fugir da definição tradicional de heróis da pátria, trocando-os por uma perspectiva mais intimista, familiar ou religiosa, de figuras importantes para a história do aluno ou do país.

⁸ “Coneo los nombres de las calles más comunes en Chile”, *La Tercera*, 1 jun. 2014. Uma curiosa nota de imprensa mostrava os resultados de um estudo estatístico realizado pela companhia Mapcity referido aos nomes de ruas mais usados no Chile. Segundo o jornal *La Tercera*, os nomes que encabeçavam a lista eram Prat e Esmeralda (nome da embarcação da Marinha chilena comandada por Arturo Prat no momento de sua morte).

⁹ O qui quadrado ou X^2 é um teste de hipóteses que permite estudar a distribuição das frequências em uma amostra, especificando a diferença entre a distribuição esperada (por exemplo, se há 50% de representantes de cada sexo, o esperado é que as evocações de um nome distribuam-se em duas metades praticamente iguais) e a distribuição efetivamente observada. O qui quadrado permite estudar as diferenças de distribuição significativas, quer dizer, variações que não se devem a aspectos aleatórios, mas que indicam que a variável (por exemplo, sexo), é relevante para explicar a distribuição verificada.

¹⁰ Controvérsia similar foi produzida com a exibição da série *Héroes* nas telas de um canal de televisão aberta, ocasião em que ficaria especialmente afetada a imagem de B. O’Higgins como o “Padre de la Patria”. O debate suscitado tanto pelo programa *Grandes chilenos de Nuestra Historia* (2008) como pelos seis capítulos da série de televisão *Héroes* (2007 e 2008) ficou amplamente registrado na imprensa. Ver por exemplo: Alfredo Jocelyn-Holt, “Grandes chilenos: gran equivocación”, *La Tercera*, 13 jul. 2008; “Historiadores enjuician a Grandes Chilenos”, *El Mercurio*, 9 dez. 2007; também, de Gabriel Salazar (2007), “La imagen de un Héroe” no sítio Educarchile.cl (<http://www.educarchile.cl/ech/pro/app/detalle?ID=133740> 01/10/2013).

Artigo recebido em 25 de maio de 2015. Aprovado em 1º de outubro de 2015.